

COLÉGIO SÃO LUÍS
ENSINO MÉDIO
CURSO DE METODOLOGIA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

JOÃO HENRIQUE PEREIRA YAMAMOTO, PAULO HENRIQUE GUIDIO
PERES, LUCAS TOMAZ LOPES

RACISMO NO FUTEBOL BRASILEIRO
A história dos casos de racismo no futebol brasileiro

Avenida Doutor Dante Pazzanese, 295

2º ano do Ensino Médio

JOÃO HENRIQUE PEREIRA YAMAMOTO, PAULO HENRIQUE GUIDIO
PERES, LUCAS TOMAZ LOPES

RACISMO NO FUTEBOL BRASILEIRO

A origem dos casos de racismo no futebol brasileiro

Artigo apresentado como
requisito de aprovação em
“Metodologia de Iniciação Científica”,
na 2ª série do EM do Colégio São
Luís

Orientador: Prof. Paulo Niccoli Ramirez

2020

RACISMO NO FUTEBOL BRASILEIRO

As possíveis causas de racismo no futebol brasileiro

Resumo: O racismo é algo que sempre esteve e ainda está presente na sociedade, até hoje há casos de discriminação racial no mundo, principalmente no Brasil, um país onde, mesmo havendo uma forte miscigenação de etnias, registra altos índices de preconceito, agressão e diferença social causado pelo preconceito. Como está presente na sociedade brasileira, também está presente no esporte mais popular do país, o futebol que, desde seu início até os dias atuais, apresenta casos desse mal que assola a sociedade mesmo tendo como maiores ídolos nacionais do esporte jogadores negros como Pelé, Garrincha, Lônidas da Silva, entre outros. Tanto a sociedade brasileira quanto o futebol nacional tiveram evoluções no combate contra o racismo como a aceitação de jogadores negros em clubes por volta de 1907 e, mais recentemente, a lei que determina que tal ato é crime, porém há muito que evoluir para a erradicar a discriminação racial, a hipótese que se cria com isso é de que não existe uma forma de erradicar o racismo somente do futebol, pois como em muitas casas o tema ainda não é abrangido em algumas famílias, muitas pessoas, que se tornam jogadores ou torcedores de seu time, levam o que aprenderam em casa para o campo, ou seja, o futebol como o esporte mais importante do Brasil reflete o racismo presente na sociedade brasileira, sendo assim a única forma de acabar com o preconceito é na base de uma reeducação do assunto, tanto por parte do governo criando campanhas antirracistas e obrigando as escolas a apresentar o tema, quanto por parte das próprias famílias educarem seus filhos. Além disso existe o fato de que muitas vezes “torcedores” acabam não recebendo as devidas punições quando cometem tal ato preconceituoso pelo fato de estarem “torcendo”, algo que junto com a educação também precisa ser mudado.

Palavras-chave: racismo, futebol, jogador negro, torcida, discriminação racial, sociedade, racismo estrutural.

1- INTRODUÇÃO

O tema que será utilizado para fazer Trabalho de Conclusão de Curso, o TCC, será os casos de racismo envolvendo times do futebol brasileiro, casos que aconteceram na torcida ou no próprio campo e o motivo por qual ainda há muitos casos do preconceito no esporte.

Para isso usaremos além de matérias e entrevistas, opiniões, livros e artigos de especialistas no caso. Para introduzir o conteúdo e mostrar o contexto histórico utilizaremos três fontes, até porque existem inúmeras histórias diferentes de como foi a introdução do negro no esporte mais amado do Brasil. Como principal meio de pesquisa nós utilizaremos o site da organização “Observatório do Racismo no Futebol Brasileiro” que, como o próprio projeto diz, “almeja tornar-se uma organização que promova o diálogo entre clubes, entidades, torcidas e movimentos sociais; através de conferências, workshops e seminários entre outros eventos, e assim fomentar ideias e buscar sugestões para combater a discriminação”. Além dele, também será usado a obra prima e clássica de Mário Filho: A 5ª edição do livro (2010) “O negro no futebol brasileiro”, pois, com o auxílio de teses sobre miscigenação racial, Mario Filho buscou no negro brasileiro um toque que fez do futebol violento dos europeus em uma arte e, assim, permite ao leitor concluir que é de grande importância citar a luta da inclusão dos negros no esporte, principalmente no futebol, quando o assunto a ser falado é o racismo no território brasileiro. Por fim, usaremos também a dissertação feita por Christian Ferreira Mackedanz chamada “Racismo nas 4 linhas” (os negros e as ligas de futebol em Pelotas) Escrita em 2016, que com a intenção de passar um dos contextos criados no período de 1930, a dissertação conta basicamente como os negros, que sofriam e eram julgados pela cor e pela renda, buscaram alternativas para praticar o futebol, esporte que estava em ascensão na época.

Para obter maior conhecimento e poder aprofundar no assunto do racismo no futebol brasileiro e apresentar o contexto atual será usado 2 procedimentos de leitura. O primeiro deles será o artigo escrito por Carlos Alberto Figueiredo da Silva com o título “A linguagem racista no futebol brasileiro”, obra que analisa o processo de construção das representações sociais em relação A inclusão dos jogadores negros e mestiços no principal esporte que atua no Brasil. O segundo método que utilizaremos será basicamente a pesquisa em sites confiáveis e matérias divulgadas na televisão. Como como o Globo Esporte, folha de São Paulo, UOL, Lance, FOX esportes, ESPN e SportTV. Neles usaremos artigos, notícias e opiniões de especialistas no esporte ou no assunto do racismo. Como exemplo a ser citado a notícia divulgada no G1, do Esporte Espetacular exibido em 23 de fevereiro de 2020 com a matéria “Racismo no Futebol: Como casos de racismo tem sido tratado pela arbitragem”. Além desses dois métodos de pesquisa utilizaremos também nossos conhecimentos e conceitos sobre racismo no futebol.

Nós conceituamos o processo de introdução do negro no futebol brasileiro, para podermos apresentar o contexto atual do negro no futebol de maneira completa

O racismo sempre esteve presente em nossa sociedade, principalmente por consequência dos fatos históricos presentes na formação dela, tal como a escravidão. Apesar de ser um acontecimento considerado distante, até os dias de hoje podemos observar fragmentos da cultura racista, e muitos desses fragmentos estão presentes nos esportes.

O futebol, sendo um dos esportes mais populares e queridos de nossa era, possui uma quantidade imensa de fãs e adoradores que sempre estão presentes nos jogos de seus times amados, torcendo e vibrando. Apesar de que muitas vezes a paixão pelo esporte seja um incentivo a extinguir as diferenças, o fanatismo pode ser um fator para a geração de rancor e ódio.

Para aqueles que desconhecem, no mundo futebolístico existem tipos de torcidas, tais como a torcida organizada, que seria uma espécie de aglomeração de torcedores de algum clube esportivo brasileiro que formam associações com a finalidade de apoiar seu time do coração tanto dentro quanto fora dos estádios. Além disso, é importante pontuar que geralmente são membros desses tipos de associações que, são responsáveis por grande parte das ofensas, principalmente de cunho racial dentro dos estádios.

É correto afirmar que houve sim uma evolução se contarmos com o fato de que antigamente até os anos de 1900 era proibido a participação de negros no futebol. O primeiro clube que se tem notícia fundado com a participação de um negro no Brasil foi a Ponte Preta, onde contava com a participação de Miguel do Carmo também considerado por muitos o primeiro jogador negro do país. Já em 1907 no Rio Grande do Sul foi fundado o clube que teve negros como fundadores, um deles conhecido como Francisco Rodrigues que foi o autor do hino do Grêmio na época.

Em 1923 o Vasco foi campeão da primeira divisão com um elenco composto parte por jogadores negros, e isso causou com que outros times fundassem outra entidade excluindo o Vasco, que no entanto respondeu com uma carta que posteriormente ficou conhecida como a famosa “resposta histórica”, na qual o clube defende seus jogadores e mostra disposição em lutar contra o racismo.

O campus o que é outro clube fundado na época tinha as cores roxa, preta e branca que simbolizavam a união das raças, com roxo significando o mulato, e foram campeões do campeonato de campista de 1918, cerca de 1 ano antes da seleção brasileira campeã do sul-americano de 1919.

Porém, atualmente ainda é possível presenciar muitos casos de racismo no esporte, um deles, que aconteceu recentemente, em 2014, durante o confronto Grêmio e Santos, onde a torcedora Patrícia Moreira, da torcida do grêmio teria cantado ‘macaco’ direcionada ao antigo goleiro do Santos Aranha, que imediatamente reclamou com o arbitro alegando ser vítima dos xingamentos, e após a partida, Patrícia e outros 3 torcedores foram direcionados a delegacia por injúria racial. O fato é que um esporte onde a intenção é se divertir, por conta de uma sociedade burra racista, acaba realizando casos de preconceito como o citado acima e, a partir disso utilizaremos da história, informação e de

nosso próprio conhecimento do esporte, o porquê situações de discriminação racial ainda ocorrem no futebol brasileiro.

2- DESENVOLVIMENTO

2.1- Contexto Histórico

Quando chegou ao Brasil, o futebol era visto como entretenimento, algo amador e, como na época, mais ou menos 1900, todo entretenimento vindo da Europa era algo que custava dinheiro, por exemplo, para entrar em um dos primeiros clubes do território nacional, o Fluminense *Football Club*, o jogador deveria ser chefe de firmas, ser de família nobre, ter estudado em boas escolas e, o mais importante, ter bastante dinheiro, tanto para comprar os equipamentos de jogo quanto para gastar nas tradicionais luxuosas festas pós-jogo.

Porém, conforme o esporte foi ganhando popularidade, cada vez mais foi possível observar a introdução de jogadores negros em clubes, por exemplo a Ponte Preta e o Bangu que até hoje brigam pelo quesito de ser o primeiro time a aceitar um jogador negro. vem dividindo o feito mesmo não sendo um dos primeiros nesse quesito. Mesmo assim, é inegável dizer que o Vasco da Gama foi o time de mais simbólico na inserção de jogadores não brancos no futebol, até porque, mesmo dividindo o fato de se recusar a jogar o Campeonato Carioca junto com o Bangu por conta do ocorrido em 1907, onde a Liga Metropolitana de *Football* (na época organização responsável pelo futebol do Rio de Janeiro) não permitiu “ jogadores de cor” a jogar, a organização do bairro de São Januário foi o primeiro time brasileiro a conquistar um título com negros no elenco, dessa forma, entrando para história.

A verdade é que, chegou um momento em que os ricos sócios de clubes haviam capacidade de competir no mesmo nível de jogadores negros, algo que o autor do livro “O Negro no Futebol Brasileiro”, Mário Filho, explica em sua obra dizendo: “Os clubes finos de sociedade, como se dizia, estavam diante de um fato consumado. Não se ganhava o campeonato só com um time de brancos. Um time de brancos, mulatos e pretos era o campeão da cidade. Contra esse time, os times de brancos não tinham podido fazer nada desaparecer a vantagem de ser boa família, de ser estudante, de ser branco, o rapaz de boa família, do estudante, o branco, tinha de competir em igualdade de condições com o ‘pê-rapado’, quase analfabeto, o mulato e o preto, para ver quem jogava melhor”. Ou seja, o escritor quer dizer que houve um momento no futebol que até mesmo clubes de elite como Flamengo e Fluminense tiveram de abrir as portas á jogadores negros para poder competir igualmente com outros clubes que já eram adeptos a tal ideia.

A partir disso, o futebol só evoluiu e com o passar dos anos chegou a ser oficialmente profissionalizado, fato esse que foi de extrema importância para a inclusão de afrodescendentes no esporte. O interessante o clube das laranjeiras, depois de começar a aceitar negros, o clube ainda pertencia a uma elite branca racista, com isso, o clube foi essencial, até que de forma involuntária, para a inserção do negro no esporte trazido pelos ingleses pois,

conforme a presença de negros e mulatos foi aumentando nos clubes, o time tricolor percebeu um crescimento nos casos de preconceito entre sócios (muitos também eram jogadores) e atletas negros que frequentavam a sede, com isso resolveram separar os sócios de jogadores e assim lutando pela profissionalização do futebol no início da década de 1930. Dessa forma, fez com que seus jogadores, agora empregados assalariados, entrassem no campo de treinamento do Fluminense pela porta de funcionários e não mais tivessem contato com os poderosos donos de fábrica que investiam no clube. A questão é que o profissionalismo do futebol, mesmo gerado por um motivo racista, foi um grande passo para a redução do racismo na modalidade, pois a partir do momento em que atletas passaram a ser contratados e pagos de acordo com seu nível técnico, a cor de pele dos jogadores passou a ser uma questão menos importante.

Atualmente, mesmo após 90 anos, o futebol nacional ainda apresenta muitos casos de racismo, na maioria das vezes por partes de torcedores. Dessa forma é possível concluir que não basta inserir e vangloriar das glórias conquistadas por ídolos como Pelé, precisa-se de mudanças ainda maiores, mudanças que erradiquem o racismo estrutural da sociedade brasileira que acaba transparecendo no esporte mais amado do Brasil.

2.1- Casos e notícias

Para dar continuidade ao trabalho é importante, além de obter o conhecimento de todo o processo de introdução de jogadores negro no esporte e toda a história que a envolve, saber de como o tema racismo no futebol é nos dias atuais e , para isso usaremos alguns casos mais recentes para assim explicar as hipóteses criadas através do conteúdo.

Um famoso caso de injúria racial no futebol brasileiro ocorreu em 2014, em uma partida entre os rivais grêmio e Santos, onde torcedores do tricolor agrediram verbalmente o ex-goleiro santista, o chamando de “macaco”, termo extremamente racista quando se é referido a um preto no Brasil, pois está ligado a inferioridade.

Nesse caso certas providências foram tomadas, e os agressores foram presos assim como o clube foi punido, sendo expulso da Copa do Brasil, no entanto, em uma outra partida onde Aranha jogava contra o Grêmio ele acaba sendo vaiado por uma expressiva parte da arquibancada, que era composta por torcedores gremistas. Após a partida o goleiro afirmou que aquela atitude de vaia por parte da torcida logo após de ser alvo de injúria racial só reforçava o preconceito dos gremistas que o atacaram, além dos repórteres que o cercaram pós jogo se comportando como “inquisidores” alguns até mesmo o provocavam, insinuando como se ele devesse “reagir calado ao açoite”.

Além disso também é preciso ser dito que apesar de todo o escândalo o Grêmio nunca de fato se assumiu como culpado, assim como os torcedores do clube que não viam Aranha como vítima, pois para eles, o goleiro simplesmente causou o movimento que resultou na eliminação do clube de uma competição, quando, na verdade, ele apenas denunciou uma prática abominável de injúria racial contra ele no estádio.

Em 2020, o ex-goleiro se pronunciou sobre o ocorrido em 2014, segundo ele: “A essência do futebol no Brasil é totalmente racista”, e isso se dá principalmente pelo fato do futebol no Brasil ser algo relativamente novo e por isso ainda há pessoas nesse meio que carregam esses pensamentos racistas de décadas atrás. Aranha também relata: “Passei a ser o encenqueiro. Todo time que me contrata sabe que toda vez que acontecer alguma coisa eu vou ter que falar e estarei com a camisa do clube. Nem todo diretor está disposto a abraçar isso”

Esse episódio apenas reforçou a uma certa lógica que existe dentro do mundo do futebol, em que uma vítima de injúria racial é sempre culpada, a menos que se prove o contrário.

Outros casos famosos que podemos citar nessa década também são o do ex-jogador do Santos, Arouca que também foi alvo de torcedores do ex-time. Em março de 2015, o Palmeiras venceu o rival na Vila Belmiro e várias ofensas de cunho racial foram enviadas às redes sociais do volante que levou o caso ao Ministério Público. Os casos de racismo envolvendo o volante Tinga, ex-Cruzeiro em 2014 durante uma partida contra o Real Garcilaso-PER, pela Copa Libertadores da América. Uma grande parte da torcida do time peruano humilhou o jogador, reproduzindo sons de macaco quando ele tocava na bola. O caso de Tinga é apenas um dos vários casos de racismo desse tipo, que é recorrente até hoje em diversas arquibancadas por torcidas de muitos times brasileiros.

Na vitória do São Paulo sobre o Sport, em 31 de outubro de 2015, Michel Bastos, jogador preto, pediu para que "à torcida que o vaiava se calasse no estádio do Morumbi. No dia seguinte o jogador foi inundado por mensagens racistas nas redes sociais e questionou: “tenho que ficar quieto ainda?”. Vários jogadores defenderam o atleta entrando no perfil da agressora nas redes sociais repudiando sua atitude. Michel Bastos ainda além de anunciar um processo contra a agressora também diz que gostaria que se caso fosse usado como exemplo na luta contra o racismo

Em abril de 2005, na disputa da Copa Libertadores, o argentino Leandro Desábato direcionou ofensas de cunho racial ao atacante do São Paulo, Grafite em partida entre o tricolor e Quilmes, no Morumbi. Grafite foi expulso por empurrar o adversário no rosto, mas para o Argentino a punição foi pior mais séria e recebeu voz de prisão ainda enquanto estava em campo e permaneceu detido na capital paulista, no entanto, por dois dias.

Em julho de 2011, o atacante Diego Maurício foi vítima de injúria racial na Vila Belmiro, onde o Santos confrontava o Flamengo. O jogador conta: “Ouvi na hora de aquecer. Uma minoria da torcida do Santos, que estava acima dos camarotes, começou a fazer ofensas racistas, me chamaram de macaco”. O jogador também revelou estar confuso, e lembra: “O grande ídolo do Santos é o Neymar, que é negro. Pelé, que é eterno, o maior ídolo da história do clube, é negro. Fiquei surpreso, muito chateado com isso. Não importa a raça, somos todos seres humanos”.

Lula Pereira, em 2013, também foi vítima de racismo, o técnico deu uma declaração à revista Placar em que ele afirmava que já tinha ouvido empresários dizendo coisas como “O pessoal do clube gostou do seu perfil,

mas, me desculpe, você é preto” . Essas declarações costumam ser recorrentes e estão muito presentes principalmente no futebol brasileiro.

No ano de 2018 o zagueiro ex-Grêmio e atualmente no Internacional, Paulão sofreu em seu reencontro com a torcida de seu ex-time, que imitou sons de macaco enquanto o jogador passava. O jogador aplaudiu a torcida rival de forma irônica e logo pediu pra se juntar ao seu time no vestiário. torcedores gremistas ao serem questionados alegaram não estarem sabendo do ocorrido. Abel Braga, companheiro de time do Paulão na época se pronunciou após a partida: “Poderia ser uma festa mais legal, mas, depois daquela atitude em relação ao Paulão, tirou a beleza disso tudo. Lamentável isso, é nojento ter que ficar falando nisso”.

Quando defendia o Atlético-MG, o atacante Obina sofreu ataques racistas na Copa do Brasil em 2010 antes da partida contra a Juventus, do Acre. Alguns torcedores compareceram ao treino do Galo e direcionaram ofensas ao jogador como "macaco". Apesar do episódio lamentável, o time de Obina marcou 7 gols e saiu com a vitória. Allano, atacante do Cruzeiro, foi alvo de mensagens racistas nas redes sociais em outubro de 2015. O jogador se pronunciou indignado: "Eu sei que essa pessoa não pode nem ser chamada de animal, porque animal tem sentimentos. Como um homem desse, que pode ser um pai de família, consegue dizer isso de uma pessoa?".

Alguns casos no Brasil já chegaram a uma punição, como o goleiro Dida, do América, informou que um torcedor alecrinense o chamou de macaco após uma defesa. Ainda durante a partida o arqueiro foi até o árbitro Suélson Diógenes e relatou o ocorrido onde O Alecrim foi punido em Primeira Instância no TJD por racismo contra Dida goleiro do América, em jogo realizado no Ninho do Periquito. Clube recorreu ao Pleno que manteve a decisão da Comissão, punindo o Alecrim com a perda de três mandos de campo e multa de 20 mil reais ou quando O árbitro Márcio Chagas, que apitou o jogo entre Esportivo e Veranópolis, foi vítima de racismo após a partida. Ao final do jogo o juiz encontrou seu carro amassado e com bananas em cima do veículo, que estava no estacionamento privativo do clube e O Esportivo foi punido, em julgamento no pleno do Tribunal de Justiça Desportiva, perdeu nove pontos. Por 5 votos a 3, o clube de Bento Gonçalves ainda foi multado com R\$ 30 mil e perdeu seis mandos de campo. O clube recorreu e na decisão do pleno do STJD foi punido com a perda de três pontos e multa de R\$ 60 mil, porém, como é possível concluir nos casos de injúria racial citados anteriormente, que esse mal ainda, nos dias de hoje, afeta o futebol, assim, a partir dos casos, relatos e contexto histórico mostraremos o porque isso ainda acontece e alternativas de como combatê-lo.

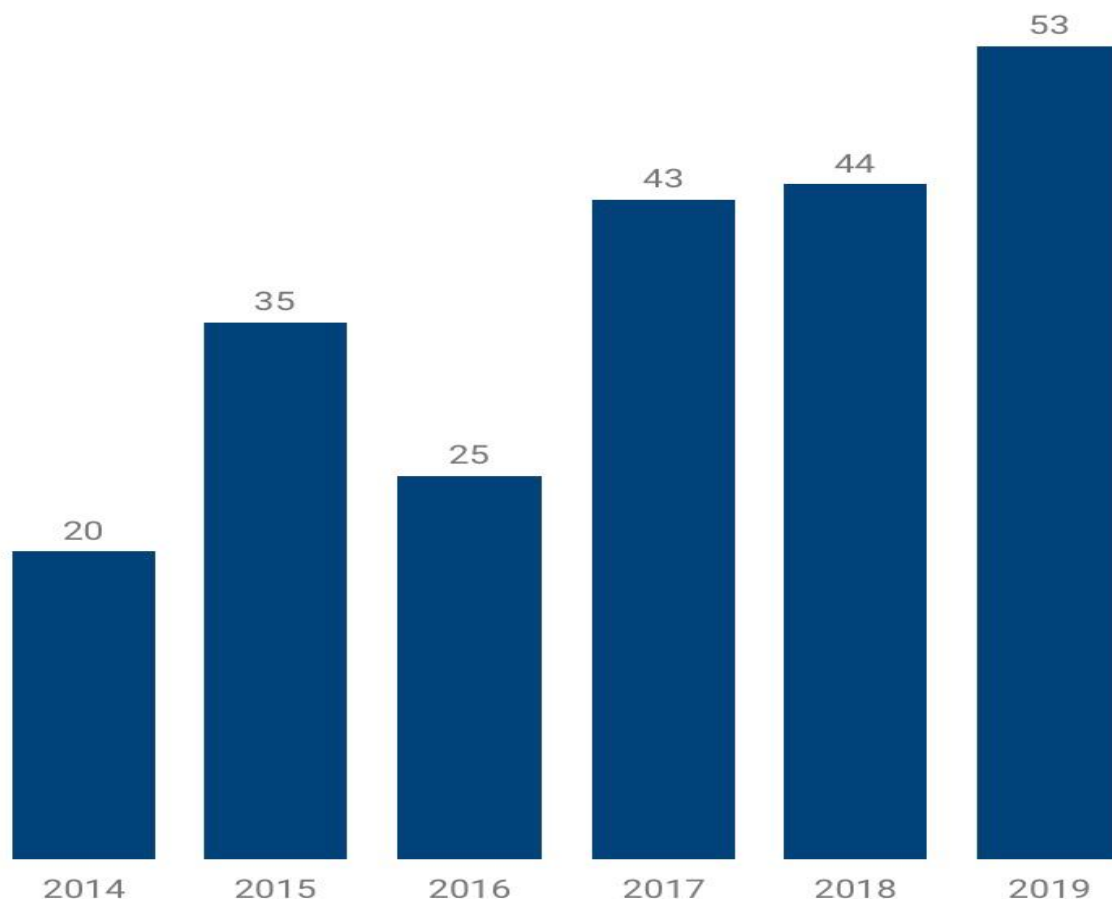
2.2- Educação Antirracista e Campanhas



Fonte: Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Sistema de Informações sobre Mortalidade - SIM.

A partir do gráfico presente no informativo “Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil”, disponível no site do IBGE, em relação aos últimos dez anos, é possível observar que em território nacional os índices de violência sofrida pela população negra, ao contrário da branca, aumentou consideravelmente, sendo a maior prova disso a taxa de homicídios a cada 100 mil habitantes em 2017 que foi de 16,0 entre as pessoas brancas e 43,4 entre as pretas ou pardas, além do fato de que enquanto a taxa continuou estável na população

branca entre os anos de 2012 e 2017, ela aumentou na população preta ou parda, passando de 37,2 para 43,4 homicídios.



Isso também acaba afetando o esporte como o futebol pois, no gráfico acima é possível identificar os casos de racismo no futebol no ano de 2014 até 2019 e como o problema não diminui ao longo dos anos, ao contrário, ele se agrava, mostrando como o problema em questão está longe de acabar. Grande fator que influencia nessa taxa sem dúvidas se devem ao fato do futebol ser um esporte que teve sua ascensão a consideravelmente pouco tempo, juntamente com o preconceito que acompanha o povo preto em nosso país desde a época da escravidão.

Em combate a situações de racismo existem inúmeras organizações antirracistas que explicam o que ocorre e expõe dados de preconceito racial no território brasileiro, uma delas, relacionado ao futebol, é o “Observatório da Discriminação Racial no Futebol” que devido a grande incidência de casos de intolerância racial presente no esporte tem o objetivo de monitorar e divulgar, através de seus canais, juntamente com jogadores e treinadores negros, os casos de racismo no futebol, com ações informativas e educativas que visem acabar com o mal da intolerância que acontece principalmente em redes sociais, por exemplo, a organização ensina que além fazer a denúncia diretamente por sites de órgãos públicos, como o “Disque 100” e o portal da câmara ou em uma delegacia especializada, para denunciar casos de racismo em páginas da internet ou em redes sociais, a vítima ou alguém que

presenciou o preconceito pode também acessar o site “*Safernet*” e escolher o motivo da denúncia e que é necessário enviar o link do site em que o crime foi cometido e fazer um comentário sobre o pedido, então após esses passos, será gerado um número de protocolo, que o usuário deve usar para acompanhar o processo.

O projeto apartidário se torna de extrema importância e necessário a partir do momento em que acredita que o futebol, com a grande influência que o esporte mais popular do país tem, pode ser um importantíssimo instrumento de inclusão social e, ao mesmo tempo, uma grande arma na luta contra o racismo no Brasil. Essa ideologia pode ser vista em campanhas, uma delas a “Chega de Preconceito” que com a ajuda de clubes brasileiros que estamparam em suas camisas a palavra “basta” e, dessa forma, promovendo o debate sobre negros no esporte e o racismo estrutural dentro de clubes e instituições esportivas. Outra campanha é a “Poderia ser eu” que busca conscientizar a sociedade brasileira sobre o genocídio da população negra no país, até porque, segundo os dados do site “Mapa da Violência”, um homem negro tem até doze vezes mais chances de ser vítima de homicídio no país do que um não negro.

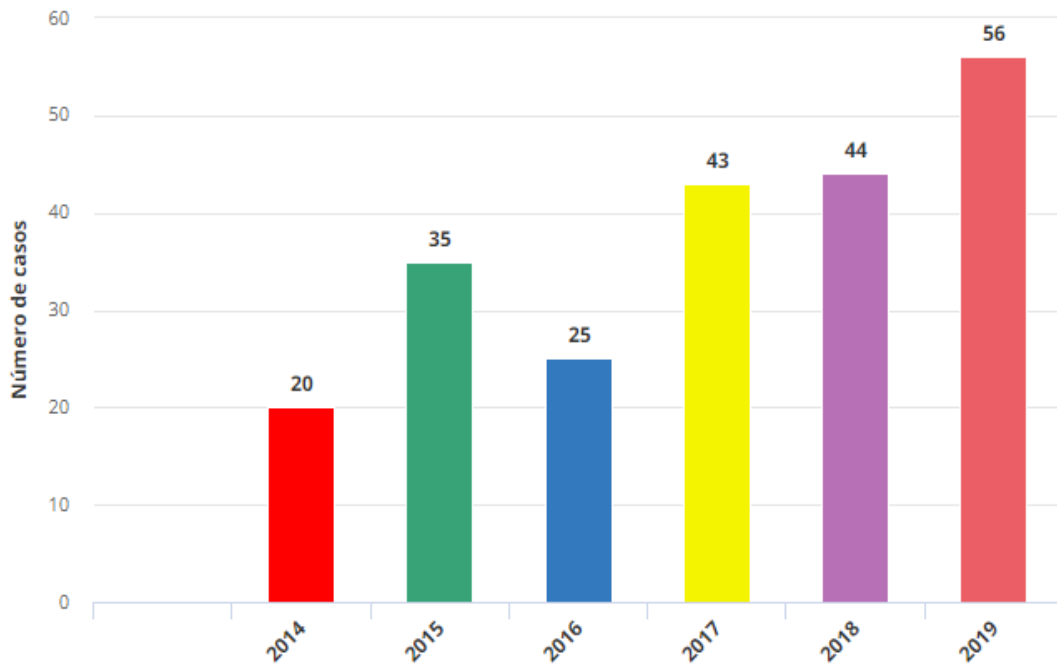
Como as campanhas do Observatório da Discriminação Racial no Futebol tem em geral a intenção de conscientizar e educar a sociedade sobre o assunto e, com isso, levando suas ideologias de campanha muito além do campo, é possível chegar a hipóteses, tais como a de que, assim como na sociedade, jogadores negros ainda estão sujeitos a sofrerem racismo no futebol e um dos motivos possíveis do preconceito no esporte, é o mesmo motivo do que ocorre no país todo, o fato do tema da discriminação por raça não ser discutido na maioria das casas do Brasil, pois o racismo presente no esporte bretão é o reflexo do mesmo ocorrido no território em que vivemos e, conseqüentemente, que a segregação racial presente tanto no futebol, tanto no país, só será erradicado por completo quando houver uma mudança na estrutura educacional concedida pelos pais em cada casa, em cada família e nas escolas e em projetos governamentais propagar a luta contra o preconceito racial.

2.3- Processo Judicial e Leis

No país, existem diversas leis que visam proteger a população negra de atos racistas, como a de número 7.716 que define crimes de preconceito de cor e raça imprescritível e inafiançável, a Lei nº 9.459, de 13 de maio de 1997, que acrescentou a punição da lei já citada à discriminação e à incitação à discriminação por etnia, religião ou procedência nacional, além do preconceito de raça e cor anteriormente previsto, e a Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010, que incluiu como crime racial a possibilidade de interdição de mensagens e páginas da internet, algo que foi de extrema importância visto que, segundo o Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (MPDFT), no ano de 2019 quase 20% dos casos de racismo e injúria racial ocorreram em redes sociais.

Casos de racismo no futebol brasileiro

Temporada de 2019 apresentou número recorde de ocorrências



Fonte: Observatório do Racismo no Futebol Brasileiro

Além das leis citadas, no futebol existem mais algumas regras que procuram erradicar o racismo, mesmo assim, o número de casos de racismo no esporte bretão só aumentou durante os anos de 2016 a 2019, conforme os números do gráfico a partir de pesquisas feitas pelo “Observatório do Racismo no Futebol Brasileiro”. O que acontece é o fato dessas regras serem confusas e, com isso acabam gerando dúvidas, dessa forma, atrasando a busca de acabar o racismo, na maioria das vezes por parte de torcedores, nos estádios brasileiros. De início, temos a legislação esportiva que procura gerar punições rígidas aos clubes como multas e perdas de mando de campo, porém não deixa claro até onde penalizar os clubes aos quais estão ligados os agentes das manifestações racistas. O primeiro parágrafo do artigo 243-G do Código Brasileiro de Justiça Desportiva estimula punições ainda mais rígidas como perda de pontos ou até a exclusão do campeonato onde tais atos racistas forma praticados, mas somente em condições que a discriminação é praticada simultaneamente por um considerável número de pessoas, o problema é: Quantas pessoas e que situação definem uma “discriminação é praticada simultaneamente por um considerável número de pessoas”? Ainda não se sabe. Por último existe o “Estatuto de Defesa do Torcedor” que a partir Art.13-A da lei Nº 10.671, de 15 de maio de 2003, determina como punição o acesso do torcedor nos estádios, sem prejuízo de outras condições previstas em lei, o problema é que ela não especifica até onde é considerado “estádio” para

receber esse tipo de punição. A adversidade de tudo isso e que gera ainda mais confusão quando se vai determinar uma punição é que, no nosso código não existe uma infração relativamente direta ao racismo, existem atitudes inconvenientes, de um jogador ofender um ao outro.

O fato é que, mesmo que a maioria dos casos de racismo na justiça é o agressor (como por exemplo, segundo dados do Laboratório de Análises Econômicas, Sociais e Estatísticas das Relações Raciais da UFRJ, nos anos de 2007 e 2008 em que 70% das ações por racismo ou injúria racial no Brasil quem ganhou foi o réu e em apenas 30% dos casos a vítima), para diminuir ações racistas nos estádios é necessário parar de diferenciar a punição de um torcedor ou jogador para uma pessoa fora do estádio pois, embora as punições aos clubes sejam importantes para que eles procurem conscientizar o admirador de seu time que tal ato é errado e é necessário ser antirracismo, na maioria das vezes pessoas que cometem injúria racial ao longo de partidas de futebol acabam não recebendo punições ou quando recebem é uma punição branda como no jogo entre Juventude e Grêmio, no ano de 2006, onde o zagueiro Antônio Carlos insultou o volante do Grêmio Jeovânio com ofensas racistas após ser expulso de campo”, sinalizando a cor de sua pele esfregando os dedos em cima do braço e dizendo “Isso é coisa de macaco” e em segunda instância foi punido apenas com 120 dias sem poder jogar, ou como na partida entre Pelotas e São Paulo-RS onde um torcedor chamou o goleiro Lúcio, do São Paulo rio grandense, de macaco e em decisão da 3ª Comissão Disciplinar do TJD – RS, o torcedor apenas ficou proibido de ingressar na praça desportiva por 720 dias enquanto o clube foi absolvido. Em resumo, o que deve ser feito em casos de ofensas e ações racistas nos estádios de futebol é identificar os agressores com ajuda de câmeras do estádio, vídeos, ou até mesmo das transmissões de televisão e levar os mesmos para serem julgados na justiça comum, como qualquer brasileiro que comete injúria racial é julgado, até porque quem comete racismo não é torcedor nem jogador, é criminoso.

3- CONCLUSÃO

Existem várias leis no país destinadas a proteger a população negra de atos racistas, por exemplo, o número 7.716, que define os crimes de preconceito contra cor e raça que são inafiançáveis, Lei nº 9.459 de 13 de maio de 1997 que agregou a pena da lei já citada sobre discriminação e incitamento à discriminação com base na etnia, religião ou nacionalidade, além dos preconceitos anteriormente feitos quanto à raça e cor, e a Lei n.º 12.288, de 20 de julho de 2010, que incluiu como crime racista a possibilidade de banir mensagens e sites, o que foi extremamente importante porque em 2019 quase 20% do racismo e danos raciais ocorreram nas redes sociais, segundo o Ministério Público do Distrito e Territórios Federais (MPDFT). No futebol também existem algumas regras que visam evitar o racismo nas quatro linhas porém, tem um problema de que não são diretas e específicas e, assim, ao invés de ajudar atrapalha e acaba gerando revolta de vítimas e de pessoas e instituições que estão ao lado da pessoa que sofreu do preconceito.

É fato que embora a maioria dos casos de racismo na Justiça seja do agressor (como, por exemplo, segundo o Laboratório de Análises, Econômicas, Sociais e estatísticas das Relações Raciais da UFRJ em 2007 e 2008, em que 70% dos casos de racismo ou dano racial no Brasil foram vencidos pelo acusado e apenas em 30% dos casos, uma vítima), para limitar as ações racistas nos estádios, é necessário deixar de diferenciar a pena de um torcedor ou jogador por pessoa fora do estádio, embora as penalidades para os clubes sejam importantes para eles, para tentar conscientizar os torcedores de seu time de que tal ato é errado e necessário ser antirracista, na maioria dos casos as pessoas que cometerem injúrias raciais durante jogos de futebol não receberão penalidades ou receberão uma pena leve.

As questionáveis leis explicam por que o racismo ainda está presente na vida do atleta e do cidadão em geral. Uma forma de combater o racismo e acabar com ele é por meio da educação, organizações que trabalham para exterminar esses preconceitos. Na luta contra o racismo, muitas são as organizações antirracistas que explicam o que está acontecendo e revelam dados sobre o preconceito racial no Brasil. Um deles, como já citado o “Observatório da Discriminação Racial no Futebol”, que lutam para erradicar o mal do futebol a partir de campanhas e ações. Como as campanhas visam geralmente a sensibilizar e educar o público sobre o assunto e, assim, levar a ideologia da campanha muito além do campo, é possível formular hipóteses como: como na sociedade os negros ainda são alvo de racismo no futebol, e uma das possíveis causas do preconceito no esporte é o mesmo motivo que existe em todo o país, o fato de a questão da discriminação racial não ser discutida na maioria dos lares brasileiros, já que o racismo presente no esporte bretão reflete isso se, como já aconteceu no Brasil, e com isso que a segregação racial presente tanto no futebol, tanto no mercado interno, será totalmente erradicada quando houver uma mudança na estrutura educacional proporcionada pelos pais em cada casa, em cada família, nas escolas e em projetos governamentais de combate ao preconceito racial.

4- REFERÊNCIAS:

<https://www.gazetaesportiva.com/bastidores/veja-os-principais-casos-de-racismo-na-historia-recente-do-futebol-brasileiro/>

<https://wp.ufpel.edu.br/ppgh/files/2017/03/Disserta%3a7%c3%a3o-Mackedanz-C.-F.-2016.pdf>

<file:///C:/Users/User/Downloads/164-416-1-PB.pdf>

<https://globoplay.globo.com/v/8346522/>

http://busca.folha.uol.com.br/search?q=%22racismo%22%20%22futebol%22&site=jornal&ed=15%2F10%2F2015&sr=26&results_count=770&search_time=0%2C197&url=http%3A%2F%2Fbusca.folha.uol.com.br%2Fsearch%3Fq%3D%2522racismo%2522%2520%2522futebol%2522%26site%3Djornal%26ed%3D15%252F10%252F2015%26sr%3D1

<https://www.uol/esporte/especiais/racismo-e-xenofobia-no-futebol.htm>

<https://www.lance.com.br/>

<https://observatorioracialfutebol.com.br/historias/a-insercao-do-negro-no-futebol-brasileiro/>

<https://odia.ig.com.br/esporte/2020/06/5928686-lamentavel--relembre-20-casos-mais-emblematicos-de-racismo-no-futebol.html#foto=1>

<https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/09/11/ninguem-protege-o-atleta-que-se-posiciona-diz-ex-goleiro-aranha.htm>

<https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2020/09/05/brasileiro-nunca-pesquisou-tanto-na-internet-sobre-racismo-quanto-em-2020.htm>

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-08/atlas-da-violencia-assassinatos-de-negros-crescem-115-em-10-anos>

<https://mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/racismo-no-brasil.htm>

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf

Livro: FILHO, Mario. O negro no futebol brasileiro. 5ª edição. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2010.